Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Gazeta de Vitória **Class.:** 1321

Data: 03.09.89 **Pg.:**

Guaranis fogem de reserva em SP e vêm para o ES

1910

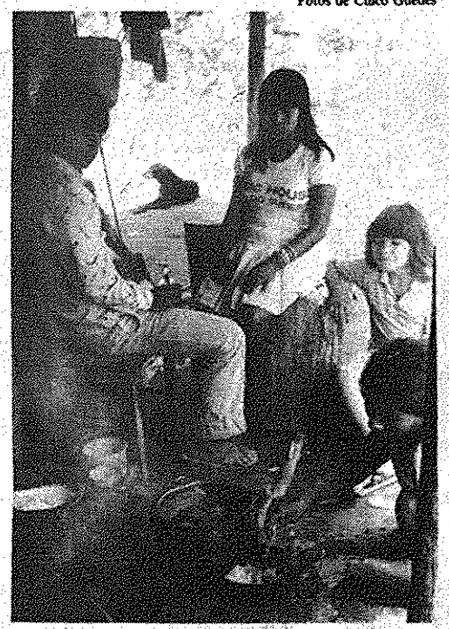
José Anchieta

Os índios guaranis do Sul do país iniciaram há seis meses um processo de migração para o Espírito Santo, contrariando sua filosofia de amor à terra. A migração, na verdade, é uma fuga. Famintos, miseráveis, ameaçados pela cultura branca e esquecidos pela Fundação Nacional do Índio (Funai), os guaranis decidiram abandonar as reservas de Tariri (São Paulo) e Jacutinga (Paraná) e vieram para a aldeia de Boa Esperança, em Santa Cruz, município de Aracruz. O grupo composto por oito famílias — totalizando 45 pessoas — reedita agora, no final da década de 80, a odisséia dos anos 40, quando aproximadamente 300 guaranis atravessaram cinco Estados em busca da terra sem males (Aua Baê Porã), encontrada finalmente às margens do Rio Piraqueaçu, onde fundaram a aldeia de Caieiras Velhas. A tribo saiu de Guarapuava, no Rio Grande do Sul, e, no caminho, criou as aldeias de Jacutinga, Tariri e oura em Parati, Rio de Janeiro.

Agora, as oito famílias remanescentes do grupo que atravessou os Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, parando, finalmente, no Espírito Santo, estão fugindo de uma série de infortúnios. A aldeia de Jacutinga, situada em uma ilha no rio Paranaguá, foi praticamente abandonada. Dos 40 guaranis, restam hoje cinco ou seis. Os demais seguiram para o Rio de Janeiro ou vieram para o Espírito Santo.

A aldeia de Tariri, no litoral paulista, também já perdeu significativa parcela da população. Dali, saíram seis famílias em direção à aldeia de Boa Esperança. O guarani Afonso Benitez garante que o grupo não retornará a São Paulo. A aldeia fica numa região montanhosa, a cerca de oito quilômetros da costa, de difícil acesso. Não há linha regular de ônibus, médico, dentista e nem atendimento da Funai.

Fotos de Chico Guedes



A alimentação é pouca para os guaranis

Os guaranis vindos do sul do país provocaram uma explosão demográfica na aldeia

A maioria das crianças é subnutrida

"Nós estávamos passando muita fome, frio e sofrendo várias doenças, e resolvemos abandonar a aldeia — mesmo com muita tristeza — porque é impossível sobrevivermos em condições tão precárias de vida. Aqui, na reserva de Caieiras Velhas, encontram-se nossos parentes que participaram da caminhada, há 40 anos, em busca da terra sem males. Não sairemos mais daqui", disse Afonso Benitez.

Naturalmente, a chegada de mais oito famílias alterou a rotina, nos últimos seis meses, da aldeia de Bao Esperança. Para abrigar os novos moradores, a tribo foi obrigada a desmatar uma parte da reserva para construir duas casas. Restam ainda 15 para ser erguidas. Enquanto não conseguem um lugar para morar, as famílias estão abrigadas na casa dos adolescentes e espalhadas nas outras moradias da aldeia.

Explosão demográfica

Houve, de certa forma, uma explosão demográfica. A comunidade guarani subiu de 75 para 120 moradores. As famílias da aldeia de Tariri chegaram em junho e as de Jacutinga no começo deste ano. Como a área da reserva é pequena, os índios praticamente estão amontoados. A reserva tem 50 alqueires e abriga 48 famílias, atualmente. Ou seja: cada uma tem pouco mais de um alqueire para morar e cultivar a lavoura. Um trabalhador rural para ser assentado necessita, no mínimo, de um módulo de cinco alqueires, segundo a política governamental para o setor. A situação dos índios, se comparada, não é nada agradável. Membros do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) garantiram que os guaranis chegaram "corridos do Sul do país". Mas, a terra sem males não parece promissora para os índios. A reserva tem poucas matas e vem sendo invadida por caçadores. Os índios pretendem retomar uma área — praticamente de matas virgens — que se encontra em poder da Aracruz Celulose, desde 1981.

A empresa ganhou o terreno durante a demarcação da reserva de Caieiras Velhas feita em 1981 pela Funai. Como a Aracruz encontra-se em fase de duplicação, os guaranis temem que a empresa desmate a área para dar lugar à expansão do bairro de Coqueiral. Ou, então, plante eucalipto. Se o bairro for realmente construído, ficará de frente para a reserva e aí reside uma outra preocupação dos índios: existe uma lagoa junto à área da Aracruz que poderá acabar recebendo o lançamento de esgotos domésticos.

A área pretentida pelos guaranis ajudaria a abrigar melhor as famílias e seria preservada. O índio João Carvalho (Kuarai Mimbi "Sol Brilhante"), uma espécie de relações públicas da aldeia, reclamou da presença de caçadores e também da pouca assistência da Funai. "Os animais estão desaparecendo, assim como os peixes. Os caçadores entram na reserva, desarmam nossas armadilhas e espantam os animais com o estrondo de suas armas. Nós usamos o arco e flexa e só caçamos o necessário para garantir nossa sobrevivência".

Os guaranis temem também a "invasão da cultura branca" — embora já apresentem sinais evidentes de aculturação. A construção da estrada Santa Cruz-Nova Almeida e da ponte sobre o rio Piraqueaçu praticamente levou os brancos para dentro da aldeia. O Governo do Estado prometeu construir uma cerca para isolar a reserva da rodovia e também três quebra-molas no local. Nada foi cumprido. Para construir a estrada, os guaranis foram obrigados a ceder uma parte da reserva, recebendo em troca uma indenização. Na verdade, ridícula: no ano passado, depois que a ponte foi inaugurada, coube a cada uma das 40 famílias a indenização de NCz$ 3,40. **Kuarai Mimbi** acredita que cada vez esteja mais distante o cumprimento da profecia de que a terra sem males abrigaria um dia a nação guarani, com paz e prosperidade e muita alimentação. "Nossos irmãos estão sendo expulsos pelo homem branco, da mesma forma que ocorreu há 40 anos, no Rio Grande do Sul, quando a tribo acabou sendo obrigada a peregrinar durante quatro décadas pelo país, em busca da terra prometida.

Doenças

Os guaranis hoje somam 30 mil em todo o país. Há cerca de 45 aldeias — a maioria sem qualquer assistência da Funai. Este fator é que está afugentando os índios residentes em São Paulo e Paraná. E, se não forem tomadas providências, rapidamente, a aldeia de Tariri, em São Paulo, ficará vazia, assim como a de Jacutinga.

Na aldeia de Boa Esperança, onde as famílias vindas do Sul se refugiaram, faltam alimentos, instrumentos agrícolas, roupas, remédios, atendimento médico-odontológico e moradias. **Kuarai Mimbi** denunciou que a Funai prometeu pagar água e luz da aldeia, mas a conta está sendo bancada pelos índios. As crianças apresentam sinais evidentes de desnutrição e a maioria dos adultos perdeu parte dos dentes. E frequente o surgimento de índios acometidos de pneumonia, gripes, febre e problemas estomacais.

"Os índios estão sendo dizimados pela civilização branca. A Funai não serve para nada. Nossos irmãos que vieram de São Paulo e do Paraná só conseguiram chegar até aqui porque o Cimi alugou um ônibus. A Funai se recusou a ajudá-los. Eu conversei com a represnetação de Governador Valadares, Minas Gerais, e o chefe me disse que não havia verba para deslocar os guaranis até Aracruz", denunciou **Kuarai Mimbi.** O índio Adolfo Silveira, que residia na aldeia de Jacutinga, disse que ele e cinco guaranis andaram um trecho a pé pelo Paraná até conseguirem condução para o Espírito Santo. "Nós chegamos mortos de fome e de cansaço. Eu não sei o que será do povo Guarani. Em Jacutinga, os brancos destruíram parte das matas e, agora, estão começando a querer tomar nossas terras. Não temos armas nem pretendemos derramar o sangue dos posseiros. O Governo tem que encontrar uma solução. Afinal, nós estamos aqui muito antes da chegada dos brancos. Tomaram tudo nosso e, agora, negam ajuda".